

# O menino e o tempo (Transtorno fóbico-ansioso)

**Maria Ester Delgado Leite**

Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Instituto de  
Psiquiatria.

*Mestre em Ciências da Saúde  
de pelo IPUB/UFRJ, psicóloga  
do CARIM.*

Jaime tem 10 anos e há seis meses está fora da escola. Desde o ano letivo anterior as faltas são frequentes, não tinha bom desempenho nas matérias e repetiu a quarta série do ensino fundamental. A queixa dos pais concentra-se na recusa atual de Jaime ir ao colégio, pois estão preocupados com o tempo perdido e já fizeram de tudo para convencê-lo a voltar e recuperar o ano. Sua trajetória escolar ficou marcada desde seu ingresso, por volta dos quatro anos de idade, quando há um relato de boa adaptação à pré-escola. Mas dois acontecimentos contíguos e sem aparente ligação entre eles fizeram-no rejeitar o colégio: seu pai ficou doente (tumor maligno) e Jaime foi esquecido pela professora sujo de fezes no banheiro da escola, sendo encontrado muito tempo depois, parado num canto e chorando há horas. Depois de um ano na mesma instituição passou a cursar o jardim III, o ano inteiro com lágrimas para entrar, piorando sempre após o final de semana e férias. Nunca mais foi bem no colégio, segundo os pais, mudando três vezes de escola até acabar definitivamente em casa, onde aceita aulas particulares, mas sem nenhuma motivação.

Jaime teve seu primeiro ano de vida marcado por problemas cardiológicos e respiratórios, infecção urinária e febres. Ele ainda apresenta uma

bronquite começada aos oito meses, embora a doença tenha causado preocupação especialmente até aos dois anos. Foi amamentado por um ano e três meses, depois sempre foi horrível para comer. Demorou a emitir sons, pensaram que pudesse ser mudo, com mais de dois anos só a mãe o entendia. Fez tratamento fonoaudiológico dos três aos quatro anos e hoje é o falador. Sofria sempre a saída do pai, tinha muita sintonia com ele. Por isso, não sabiam como contar-lhe sobre a doença deste, que escolheu raspar a cabeça antes que o tratamento quimioterápico mostrasse seus efeitos colaterais com a queda gradual de cabelo. Jaime ficou muito nervoso ao ver o pai careca e essa época coincide com sua entrada na escola.

Quando Jaime, no primeiro ano escolar, passou a rejeitar o colégio, a família associou o fato às repercussões da doença do pai no ambiente doméstico, o que foi reforçado pela escola. Um ano depois do ocorrido, Jaime contou à mãe o episódio em que foi esquecido pela professora no banheiro, levando seus pais a pedir uma explicação do colégio, mas pelo tempo transcorrido, a escola não esclareceu o fato, tendendo a negá-lo. *Nós também nos omitimos em tomar uma atitude - diz a mãe- e ele permaneceu na mesma instituição.*

Durante os últimos meses Jaime tem apresentado resfriados cons-

tantes, sinusite, infecção na garganta, bronquite, dor de cabeça, enjoo, tosse incessante e tonteira: uma crise que vai piorando, parecendo que vai desmaiar, *penso que ele vai morrer*, disse a mãe. Jaime só melhora porque a mãe fica ao seu lado, permite que não vá à escola e o libera para as outras atividades que consegue realizar, desde que não seja contrariado.

## Percurso

Nas primeiras entrevistas, quando recebi o casal, chamou minha atenção o contraste entre um homem fisicamente frágil, mas naturalmente hostil com a mulher, e uma mulher com aparência saudável embora um pouco descuidada, mas completamente insegura diante do marido. Discordavam totalmente na forma de tratar o filho no cotidiano: ela submissa ao menino, mas ressaltando enfaticamente que é com ela que Jaime vive suas dificuldades; ele oscilando entre o exercício da autoridade, muitas vezes sendo rude, e a sedução pela compra de coisas caras que o filho queria. Suzana não conseguia sustentar nenhuma atitude que implicasse em frustração do filho, recorrendo ao marido por telefone, que dava ordens ao menino e destratava a mulher por não saber como lidar com Jaime e ainda incomodá-lo no trabalho. Por outro lado, qualquer atitude dela era desqualificada pelo pai, mesmo que a resposta do filho fosse

positiva, o que servia para desestabilizar suas tentativas de mudança.

Depois das primeiras entrevistas com o casal, passei um período de atendimento com Jaime. Ele é um menino pequeno para a idade, magro, aparenta fragilidade, mas demonstra muita vivacidade, curiosidade e esperteza. Comunicava-se bem e aos poucos foi ficando à vontade, com interesses variados, preferindo sempre conversar, sem nunca faltar assunto. A família havia mudado de residência há quatro meses, para um condomínio rico em possibilidades de diversão e socialização, permitindo a Jaime experimentar e narrar dias inteiros de prazer. Não permitia que a mãe limitasse sua satisfação com horários determinados para comer, tomar banho, entrar para dormir, e muito menos para estudar. Só era lacônico quando o tema era a escola, deixando claro com sua conduta que nesse terreno eu não deveria entrar. Era sempre muito agradável atendê-lo, mas parecia um encontro social, dado o pacto implícito de respeitar o que era seu sintoma - a recusa de ir à escola- onde se encontrava confortavelmente instalado.

Suzana, por sua vez, parecia sempre inquieta ao trazê-lo perguntando como tinha sido o atendimento, sinalizando às escondidas sua expectativa - e a escola? Algumas vezes solicitou entrevista onde se mostrava completamente perdida na condução

do dia a dia com Jaime, reprovada pelo marido, impedida pelo filho de viver sua vida, sempre “pré-ocupada” com as crises dele.

Depois de dois meses, considerei atender a ela ao invés de Jaime. Seria um trabalho temporário, com objetivos delimitados, estrategicamente deixando o marido de fora naquele momento, focando a relação mãe-filho, sob a ótica do ensino-aprendizagem, na revisão da sua função materna. Suzana aceitou, ficando aliviada por ser acolhida e temerosa porque não se sentia capaz de mudar em alguma coisa. A intenção era ativar sua autoestima e autoconfiança, o seu exercício da autoridade, através de tarefas que permitissem intervenções terapêuticas, com avaliação semanal do que ela produzisse. Fez parte do contrato ela não ligar para o marido quando não soubesse o que fazer, eu seria a pessoa procurada.

Quando voltei a ver Jaime, ele já estava matriculado em uma escola que escolheu, depois de um longo processo de trabalho com Suzana, que passou a ter mais confiança em si e suportar o mal-estar do filho, entendendo que não era físico em sua origem e não o levaria à morte.

Jaime continuava conversador, embora algumas vezes quisesse jogar, contribuindo com jogos ou ideias, mas com certa inquietação corporal, solicitando com frequência a mudança de atividade, querendo sempre

uma novidade. Passou a olhar muito o relógio, sempre referindo o tempo passado e perguntando sobre o término da sessão. Sugeri que ele ficasse com a tarefa de marcar o nosso tempo, o que aos poucos permitiu que transformasse sua ansiedade em uma interessante brincadeira. Devagar fui introduzindo o tema do seu retorno à escola, até que um dia ele resolveu desenhá-la para mim.

O atendimento à mãe foi mantido, sempre que necessário, em horário diverso do filho. O trabalho da escola foi fundamental, nossa parceria durou enquanto se fortalecia a relação mãe-filho no processo de independência. Além de terem acolhido Jaime sem a “pré-ocupação” com as crises descritas pela mãe a cada segunda-feira, podendo aparecer na entrada da criança para a escola, permitiram que ele fosse cuidadosamente ampliando o tempo que passava na escola. A dimensão temporal voltou a fazer parte da vida de Jaime.

## Diagnóstico

A fobia escolar é uma forma especial do transtorno de ansiedade, podendo aparecer já na entrada da criança para a escola, quando ela reluta fortemente em separar-se da mãe, ou após um período de frequência normal à escola. Algumas mães, quando não estão seguras sobre a possibilidade da criança enfrentar sozinho um ambiente novo, com pesso-

as desconhecidas, tendem a acreditar que somente elas podem oferecer ao filho a proteção de que necessita. As crianças mais ansiosas desenvolvem sintomas somáticos geralmente antes de dormir ou na saída para a escola, ganhando o consentimento da mãe para permanecer em casa, recomeçando tudo no dia seguinte, até chegar à recusa total de voltar à escola.

No caso das crianças mais velhas, o colégio pode se tornar o foco das ansiedades e temores, sem que necessariamente as causas precipitantes estejam relacionadas com a escola. Embora a ansiedade de separação seja mais relacionada à interação entre a mãe e a criança, o papel do pai nesses casos é muito relevante ao se mostrar incapaz de permitir e encorajar a necessária separação entre a criança e a mãe. Dentre a multiplicidade de fatores que operam em cada caso, é comum encontrar a insatisfação materna devido a problemas conjugais e à depressão, contribuindo para um ambiente familiar instável.

Deve-se levar em conta a diferença entre a ansiedade da fobia e o medo: no segundo caso trata-se de uma resposta a um perigo real ou a expectativa da reprodução de uma situação de perigo realmente vivida – por exemplo, uma agressão ou ameaça sofrida na escola. O sintoma fóbico é uma medida defensiva contra

o aparecimento da ansiedade ligada a um perigo imaginário, inconsciente para a criança. Na fobia há o deslocamento da ansiedade interna para um objeto ou uma situação que poderia ser controlada ou evitada, constituindo uma espécie de disfarce –inconsciente para o sujeito- do seu conflito psíquico.

### ***Para saber mais***

Berg, I. - Evitação escolar, fobia escolar e gazeta. In: Melvin Lewis. *Tratado de psiquiatria da infância e adolescência*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1995 (1105-1112).

Freud, S. -Inibições, sintomas e ansiedade.(1926). In: *Obras completas*, Imago, Rio de Janeiro, 1976,(95-201).

